

♪

♪ [vinheta] ♪

[IGNACIO] A literatura
é emoção e sensação.

[MARÇAL] Eu digo que a
minha matriz é a rua.

[ADELIA] Ter um estilo é limite.

[BARTOLOMEU] Eu acho que é
impossível viver sem ler.

[MUTARELLI] Tem muito de
mim em tudo que eu falo.

[MARCELINO] Dói, eu escrevo.

[TEZZA] O ato de
escrever vai te

dizendo também, um
pouco, quem você é.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] "não me importa a
palavra, esta corriqueira.

Quero é o esplêndido
caos de onde emerge

a sintaxe. Os sítios escuros,
onde nasce o de, o aliás,

o ou, o porém e o quê , essa
incompreensível muleta que me

apoia. Quem entender a
linguagem, entende Deus,

cujo filho é verbo. Morre quem
entender.

A palavra é disfarce de uma
coisa mais grave, surda-muda.

Foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça,

infrequentíssimos, se
poderá apanhá-la, um

peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror".

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] Por que alguém pinta,
por que alguém canta, por que

alguém escreve? Você é
movido a expressar algo

que pede expressão: um
sentimento. O escritor, o

poeta, ele é apenas um médium,
significando exatamente o que a

palavra quer dizer. Um
meio, um instrumento,

através do qual essa coisa
que nós chamamos arte,

beleza, se manifesta. Beleza é
a forma que me comove, que eu

falo: "Mas que coisa! Que
estranhamento! Que beleza!".

E eu só sei falar que a gente
escreve à medida que é chamado a

escrever. Quer dizer, algo
está pedindo expressão.

Então a gente vai escrever.
Inspiração, ela não tem

hora, né? Eu já me levantei, por exemplo,
de madrugada, eu falei: "Eu tenho

obrigação moral de registrar
isso aqui, agora".

A gente começa quando está,
a palavra é essa mesma,

inspirada. E na hora que
começa, principalmente

na prosa, você vai, vai indo,
né? Quando a coisa pede, eu

sempre pego lá meu caderno, meu
lápiz, bem apontadinho, e falo:

"Vou ver se eu dou conta de
falar isso". Às vezes consigo.

[ADÉLIA] Porque se Deus está
me dando, quem é que está me

dando a não ser Ele, né? Aquela compulsão, quer dizer, algo

que precisa ser dito, é minha obrigação guardar aquilo. É

dever meu guardar aquilo. Então aquilo é matéria de poesia.

[ADÉLIA] E o que acontece, depois às vezes é corte.

Você faz o texto depois lê e corta, corta, corta. Porque tem

os excessos do momento da escrita, da emoção, né?

E poemas às vezes costumam, não é com frequência, mas com alguma

frequência costumam vir inteiros também, ou depois um reparo, um

corte. Nunca é para acrescentar, é sempre para cortar.

[ADÉLIA] Eu já escrevi uma poesia que eu adoro também, eu

vi uma poesia vindo de umas viagens assim, eu falei:

"Nossa, olha que bom! Que bom! Que bom! Que bom!". É uma

alegria, né? Pudessem ter isso toda hora... um vidão! Nenhum

autor, nenhum artista tem esse poder sobre o seu dom, né?

Então eu posso até querer fazer um poema. Que beleza se

eu fizesse um poema hoje assim, assado. Mas não adianta. E se

eu forçar, eu vou escrever um texto ruim. Posso escrever

até bonitinho, certinho, mas não tem valor de obra poética,

literária, não. Às vezes você quer, sabe o que quer falar, e

não é feliz no seu texto. Nem sempre você consegue.

Então a gente não manda nisso, não. Manda nada.

[ADÉLIA] "Estou com muita saudade de ter mãe, pele

vincada, cabelos para trás, os dedos cheios de nós, tão

velha, quase podendo ser a mãe de Deus não fosse tão

pecadora. Mas esta velha sou eu, minha mãe morreu moça, os olhos

cheios de brilho, a cara cheia de susto. Ó meu Deus, pensava

que só de criança se fala: as órf/ãs".

[ADÉLIA] Eu queria fazer um poema que arrasasse com todos

os livros de poesia, que falasse: "Achei! Essa é

a poesia". Isso todo artista quer fazer isso. Mas sabe por

que isso é impossível? Porque nós estamos tratando do

absoluto, do infinito, e nós somos finitos. Então cada poeta

vê um ladozinho, é como lentes de óculos. Meu lente é verde,

Então meu livro vai sair verde. Infelizmente a gente tem estilo.

Ter um estilo é limite. O bacana mesmo não ia ter estilo nenhum.

Ninguém vai fazer o mesmo poema sobre a rosa, sobre a lua, sobre

seja lá o que for. Porque o olhar de cada um de nós é

absolutamente singular. Nós somos inacreditáveis como

pessoas humanas.

Toda obra verdadeira

é absolutamente
original e única.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] E tudo que eu faço, em
matéria de arte, que é

intencional, que tem uma
intenção, que eu quero passar

um conteúdo, que eu quero passar
uma mensagem, já nasce falido,

torto, é um aborto. Porque
você não tem esse poder de

criar de si mesmo a beleza.
A beleza ela vem de uma outra

fonte de natureza
transcendental, espiritual.

A beleza não tem finalidade.

[ADÉLIA] Toda arte me
aponta para um lugar que

não é este aqui. É um
lugar anterior, paralelo,

superior e além dessa realidade
que nós estamos vendo.

É um caminho de percepção do
real, da realidade. Essa é

a... se posso falar de função,
é o que a arte faz.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] A poesia é a revelação
do real. A literatura, ela não

pega a realidade tal qual e põe
aqui, não. Porque tal qual ela

já está lá, eu não preciso mexer com ela.
Então a arte revela

para mim o quê? Ela é sempre
uma aparição, por isso que ela

é nova. Quanto mais poética é
uma coisa, mais real ela se

apresenta para você. não o real,
mas o real. É diferente, né.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] E o ato de escrever,
os sentimentos da gente, às

vezes evita da gente tomar
comprimidos, não é verdade?

Você tem que armar um lugar
onde você expresse suas

emoções. A gente não escreve
só com dor, não. O que motiva

a escrita são experiências
humanas. Felizes ou dolorosas.

não tem aquela história, por
exemplo, tem uma figura

do poeta enfossado, né, poeta
puxando angústia. Então

para escrever eu preciso de
ficar triste, enfossado,

emburrado. Isso já é problema
para um psicólogo, né, não

é para a arte, não é mais
literatura. Agora, eu fico

triste também. Eu fico
alegre também. Então tudo é

experiência humana. O cachorro
que passou ali ganindo

atrás do gato pode dar um
poema maravilhoso. Então tudo

é motivo, por quê? Porque
tudo chama você a encarar

a realidade: a pedra, o gato,
a dor, a paixão, o amor,

a morte, a vida. Então tudo
é motivo. A vida é joia.

[ADÉLIA] "Um trem de ferro
é uma coisa mecânica, mas

através da noite, a

madrugada, o dia, atravessou

minha vida. Virou
só sentimento".

[ADÉLIA] Se fosse uma escolha
minha, eu queria poesia,

porque é a linguagem por
excelência, é a concisão

absoluta, né, é a linguagem de
epifania, você não precisa...

e a prosa é a linguagem do
discurso, e a poesia não é

discursiva, ela é um flash.
Eu queria

só isso, né, mas
não mando nada.

[ADÉLIA] "Velhice é um
modo de sentir frio que me

assalta e uma certa acidez.
O modo de um cachorro

enrodilhar-se quando a
casa se apaga e as pessoas

se deitam. Divido o dia em
três partes: a primeira

para olhar retratos, a
segunda para olhar espelhos,

a última e maior delas,
para chorar. Eu, que fui

loura e lírica, não estou
pictural. Peço a Deus, em

socorro da minha fraqueza,
abrevie esses dias e me

conceda um rosto de velha
mãe cansada, de avó boa,

não me importo. Aspiro mesmo
com impaciência e dor.

Porque sempre há quem diga
no meio da minha alegria:

põe o agasalho'', tens
coragem?'', por que não

vais de óculos?'. Mesmo rosa
sequíssima e seu perfume

de pó, quero o que desse
modo é doce, o que de

mim diga: assim é', para
eu parar de temer e posar

para um retrato. Ganhar uma
poesia em pergaminho".

♪ [vinheta] ♪

♪ [vinheta] ♪

[ADÉLIA] "Uma noite de lua
pálida e gerânios ele viria com

a boca e mãos incríveis tocar
flauta no jardim. Estou no

começo do meu desespero e só
vejo dois caminhos: ou viro

doida ou santa. Eu que rejeito
e exprobo o que não for

natural como sangue e veias,
descubro que estou chorando

todo dia, os cabelos
entristecidos, a pele assaltada

de indecisão. Quando ele vier,
porque é certo que ele vem, de

que modo vou chegar ao
balcão sem juventude? A lua,

os gerânios e ele sertão
os mesmos só a mulher

entre as coisas envelhece. De
que modo vou abrir a janela

se não for doida? Como a
fecharei, se não for santa?".

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] Eu não sou mística, no
sentido de que tenho uma vida

contemplativa, não. A arte e a
fé são dois braços do mesmo

rio, que apontam para aquilo que é eterno e que não morre.

Tem elementos no meu texto, elementos de ordem, vamos dizer,

confessional, cristã, mas a poesia, ela não é religiosa,

ela não é política, ela não é social, ela é um Fenômeno de

outra natureza. Fenômeno literário, né? As orações mais

perfeitas que existem são poesias pura. Você lê um

salmo e lê uma poesia maravilhosa do Drummond, é a

mesma coisa! Você reza aqui e fala a poesia lá. "No meio do

caminho tinha uma pedra, Senhor. Tinha uma pedra no meio

do caminho. Mas que coisa, Senhor! A pedra que o Senhor

fez. Senhor, uma pedra". É isso. não tem diferença.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] Eu não posso medir a qualidade de um texto porque ela

é feita por homem ou feita por mulher. Tem literatura masculina

horrorosa e maravilhosa, e mulher escreve pessimamente e

escreve bem também. Então não é pelo fato de ser feminina

ou masculina, é literatura que as mulheres também fazem, como

tem mulher que pinta, que canta, que faz cinema etc e tal.

Agora, o ato de escrever, como qualquer ato criador, para mim

é um ato masculino, porque é criativo, e para mim, eu toda

vida tive essa intuição de que
o ato criativo é masculino.

E fiquei muito feliz quando eu
peguei um livro de cinco mil

anos atrás, mais velho que o
rascunho da bíblia, que fala

isso. Que o criativo é
masculino. Então fiquei

muito feliz de estar em
companhia tão sábia.

[ADÉLIA] "Hoje completa um ano
que estou fazendo terapia.

E o que você conta ao
doutor?''', Que eu tenho medo

panifóbico de ver minha mãe
morrer''', Só isso?''', Só, coisa

à toa, feito ficar sem comer
três dias porque vi formiga

de asas, isso eu não conto
mesmo, só converso coisa

séria''. E ele?''', É muito
paciente, diz que meu caso

é difícil mas tem cura com
o tempo, e qualquer dia me

convida para uma sessão no
sítio'', Você topa?''', T/ô

pensando, porque vai que
aparece lá uma formiga de asa

e eu apronto aquele escândalo,
me diz com que cara eu

volto para o consultório
do homem!''''.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] Ver filme, escutar
música, comprar livro,

é uma pena que livro
seja tão caro, que disco seja

tão caro. Viva a pirataria,

né? Vocês podiam piratear meus

livros, eu ia adorar.
Piratear bastante para

vender igual banana.
Porque isso é um alimento.

[ADÉLIA] Texto, a literatura,
tinha que ser oferecida

como um pão espiritual,
alimenta a alma da gente.

E nós estamos famintos,
tanto de pão quanto de

beleza. Para mim a escola
tinha que dar português

e as operações básicas
de matemática, o resto é

pesquisa na biblioteca.
Quando eu era estudante do

curso primário, biblioteca,
a gente falava: "Aula

de biblioteca", a gente não
sabia nem como falar.

A professora botava os livros
na mesa e a gente ia lá

igual faminto na comida, sabe?
"Eu quero esse!

Eu quero esse! Eu quero esse!".
A gente lia, simplesmente.

"Ah, hoje eu li Reinações de
Narizinho, eu li coração de

Amites, eu li isso, eu li
aquilo". Ler! não tem mistério.

"Aqui o livro, você leia!",
pronto. E aí se a criança

descobre, ela não te dá
trabalho nenhum mais.

É um universo tão maravilhoso.

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] "Quando ele me

disse /ô linda, pareces uma
rainha'', fui ao cúmice do ápice,
mas segurei o meu desmaio.

Aos sessenta anos de idade,
vinte de casta viuvez,

quero estar bem acordada,
caso ele fale outra vez".

[ADÉLIA] Eu gosto de ler tudo.
Eu sou leitora onívora, voraz,
costumo ler mais de um livro de
uma vez, porque dá um descanso,
uma coisa boa demais. Agora,
eu gosto muito de ler poesias,
tem poetas maravilhosos, que é
um alimento perfeito para a
alma, e gosto muito de ler
ensaios de psicologia e agora eu

estou completamente tomada pela
física. não entendo nada e acho

uma delícia ler os livros
de física. Física quântica,

principalmente. Todo
aquele grupo que começou,

Heisenberg, Einstein, aquela
turma ali quando começou a

quântica, teoria
da relatividade.

Mas eu leio aquilo como se
eu tivesse em um banquete.

E não entendo não, sabe?
É igual ler poesia, porque você

não precisa entender todos,
vamos dizer, os códigos,

não, você pega um e a coisa
fica inteira. Então ler física

quântica não precisa entender
de física não. Então é isso que

eu estou fazendo ultimamente,
com muito prazer. Muito gosto.

Porque ao final eles
chegam na metafísica,
na poesia, Então é um banquete.

[ADÉLIA] "Briga no Beco.
Encontrei meu marido às três
horas da tarde com uma loura
oxidada. Tomavam guaraná e
riam. Os desavergonhados.
Ataquei-os por trás, com mão e
palavras que eu nunca suspeitei
conhecer. Voaram três
dentes e gritei, esmurrei-os
e gritei, gritei meu urro, a
torrente de impropérios.
Ajuntou gente, escureceu o sol,
a poeira adensou como cortina.
Ele me pegava nos braços, nas
pernas, na cintura, sem me
reter, peixe piranha, bicho
pior, fêmea ofendida, uivava.
Gritei, gritei, gritei até a
cratera exaurir-se. Quando
não pude mais, fiquei
rígida, as mãos na
garganta dele, nós dois
petrificados, e eu sem
tocar no chão. Quando abri
os olhos, as mulheres
abriam alas, me tocando,
me pedindo graças. Desde
Então faço milagres".

♪ [música] ♪

[ADÉLIA] O lugar da arte, da
literatura, é o lugar
do silêncio. Eu acho que
as pessoas não leem também
porque ninguém cala a boca
mais, ninguém faz silêncio.

O professor fala demais, o
padre fala demais, eu falo

demais, né? Todo mundo falando,
falando, falando. E não há

o espaço. Porque é no silêncio
que a palavra ecoa. E o

silêncio não é só ficar com a
boca fechada não, silêncio é

uma atenção profunda para a
realidade. Isso é que

é silêncio. É um silêncio
interior. É o silêncio que me

provoca a leitura de um texto.
Eu acho que aprendizado do

silêncio ele é formidável. Então
para isso nos serve a arte, para

nos ensinar o silêncio e a beleza
que vem como aparição para nós.

Eu sou gente.
Eu sou humana, eu tenho

sensibilidade. É isso! E cada
um faz a arte que quer. Nós

todos fazemos. O modo de
estender a nossa cama,

de botar uma flor. E eu
não vejo, por exemplo, a

escrita, escrever livros,
como carreira. Isso não é uma

carreira. Carreira é advogado,
sei lá o quê, qualquer outra

profissão. Mas arte não é
carreira. E eu quero preservar

isso... a cada livro que eu
escrevo, eu tenho o mesmo susto,

o mesmo medo, a mesma alegria
de ser uma coisa nova. Se

eu escrevo um livro, eu não
sei se eu vou escrever outro.

[ADÉLIA] "Quando eu sofria dos nervos, não passava debaixo

de fio elétrico, tinha medo de chuva, de relâmpio, nojo de

certos bichos que eu não falo para não ter de lavar minha

boca com cinza. Qualquer casca de fruta eu apanhava. Hoje,

que sarei, tenho uma vida e tanto: já seguro nos fios com a

chave desligada e lembrei de arrumar pra mim essa capa de

plástico. Dia e noite eu não tiro, até durmo com ela. Caso

chova, tenho trabalho nenhum. Casca, mesmo sendo de banana

ou de manga, eu não intervo. Quem quiser que se cuide.

Abastam as placas de atenç/ão'', que eu escrevo e ponho perto.

Um bispo, quando tem zelo apostólico, é uma coisa

charmosa. Eu não canso de explicar isso para o pastor da

minha diocese, mas ele não entende e fica falando: minha

filha, minha filha''. Ele pensa que é o [], pensa que a fé está

lá em cima e cá embaixo é mau gosto só! É ruim, é ruim,

ninguém entende. Gritava até parar

quando eu sofria dos nervos".

♪ [música] ♪